

Educação musical humanizadora Soka

Comunicação

GTE 03 - Educação Musical e Humanização

Lis Plautz Lisboa
UNESPAR Campus Curitiba II - FAP
lisboapl.educa@gmail.com

Solange Maranhão Gomes
UNESPAR Campus Curitiba II - FAP
solange.maranhao@unespar.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta parte de um trabalho de conclusão de curso de caráter bibliográfico que promove um diálogo de integração entre duas abordagens educacionais: a educação musical humanizadora e a Educação Soka (educação para criação de valores). A primeira, tem sido desenvolvida nos últimos 10 anos e se pauta na humanização conceituada por Paulo Freire, bem como em abordagens de educação musical com enfoque na criação, convivência e diálogo, tendo a visão multiculturalista como importante aliada dos processos pedagógicos. Ela dialoga com estudos de Hans-Joachim Koellreutter, Violeta Hemsy de Gainza, Maura Penna e Carlos Kater. A segunda foi desenvolvida pelo pedagogo japonês, Tsunesaburo Makiguchi, com base em sua experiência em sala de aula nos primeiros 30 anos do séc. XX no Japão. Em oposição à repressão do governo militarista do Japão, que visava à criação de indivíduos submissos ao imperador, a Educação Soka tem como objetivo principal a felicidade do educando enquanto ele estuda, argumentando que isso pode ser atingido pela capacitação do indivíduo para criar os valores “bem, beleza e benefício”. Cumprindo com os objetivos da pesquisa, os resultados apontam para consonâncias entre as abordagens, assim como para caminhos de aplicação da Educação Soka em contextos musicais.

Palavras-chave: educação musical humanizadora; Educação Soka; Tsunesaburo Makiguchi.

Introdução: quando a experiência suscita a pesquisa

A busca por uma interface entre a educação musical humanizadora e a Educação Soka¹ surgiu a partir da experiência de uma das autoras

1 SOKA é um neologismo: criação (sozo) de valor (kachi) e significa “criar valor” (Ikeda, 2017, p. 46). Portanto, no presente trabalho, “Educação Soka” e “educação para criação de valores” são utilizados como sinônimos.

deste artigo², defensora do TCC no qual se baseia. Considerada por nós como significativa trajetória para a justificativa desta pesquisa, apresentaremos uma parte desta trajetória.

Minha atuação como educadora começou em 2015, no curso de Ciências Sociais e no PIBID³. Paralelamente, desenvolvia uma relação íntima com a música, encontrando acolhimento, realização e expressão emocional. Essa dualidade despertou interesse em integrar educação e música visando processos de empoderamento do sujeito, o que me levou à Educação Soka, quando conheci e passei a fazer parte da ONG Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI) - representante brasileira da Soka Gakkai, fundada por Tsunesaburo Makiguchi em 1930 no Japão.

Tendo como base a filosofia e a prática do Budismo do Sutra do Lótus, reformado por Nichiren Daishonin no séc. XIII, a organização visa:

Valorizar cada vida de forma a promover o desenvolvimento humano em prol da construção de uma cultura de paz (...) Para tanto, busca contribuir com ações conscientes que promovam o potencial humano, proporcionando a plenitude de cada indivíduo e abolindo qualquer tipo de discriminação (BSGI⁴).

No ano seguinte, deixei as Ciências Sociais e ingressei no Bacharelado em Música Popular. Contudo, desde 2017, vivia a docência semanalmente. Para contribuir com as contas da casa, comecei a trabalhar em diversas escolas de inglês, como professora. Estas experiências, aliadas ao meu descobrimento e aprofundamento sobre o sistema de criação de valores, me motivaram a migrar do Bacharelado em Música Popular para a Licenciatura em Música em 2021, na mesma universidade. Isso me abriu portas para atuar com aulas de música em

2 A autora em questão é Lis Plautz e o relato que segue foi mantido na 1ª pessoa para preservar a subjetividade narrativa.

3 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. “O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública.” (disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> . Acesso em: 03/07/2025)

4 Disponível em: https://www.bsgi.org.br/quemsomos/visao_e_missao/ . Acesso em: 03/07/2025)

cursos livres e também arte na rede básica de ensino, com 3º ano do ensino médio noturno e a Educação de Jovens e Adultos.

Conforme o que aprendi com a Educação Soka, o objetivo da educação é a felicidade do estudante. Não a suposta felicidade que vem depois da formatura, quando se conquista um “bom emprego”, ou quando se aposenta, mas a felicidade enquanto se aprende. Segundo Makiguchi:

O indivíduo que opta por um sentido único para sua vida, seja a acumulação de riqueza, uma posição social elevada, ou qualquer outra coisa específica, está confundindo a parte com o todo e, ao fazê-lo, se propõe a algo menos do que o bem-estar pleno. (...) Este fenômeno leva-nos a perceber que não estamos falando de felicidade como um alvo fixo a ser alcançado, mas como algo mutável. Esta **natureza dinâmica** e crescente da felicidade é o que mais preocupa a nós, educadores. Isto porque, implícita na orientação pragmática da educação “para a vida, da vida e pela vida” está a **noção de vida e de aprendizagem como processo** (Makiguchi, 1995, p.41. grifos nossos).

Minhas leituras junto às oportunidades de atuar como educadora me levaram a ter ainda mais vontade de me aprofundar na aplicabilidade da Educação Soka em contexto de arte e, principalmente, no da educação musical.

Nesta busca por relacionar a Educação Soka aos pedagogos e pedagogas da música com quem eu vinha tendo contato na graduação, descobri a educação musical humanizadora.

Alicerçada nos estudos desenvolvidos por pessoas como Violeta de Gainza, Carlos Kater, Paulo Freire e outros, a educação musical humanizadora pode ser entendida como:

uma educação voltada para o indivíduo e suas particularidades, ao mesmo tempo para o coletivo, de forma colaborativa. Uma educação rica em conteúdos, mas que não se prende somente nesses conteúdos. Uma educação onde o professor ensina, mas também aprende; onde o aluno pode aprender mas também tem espaço para ensinar (...) é aquela onde através do respeito, do **diálogo** e das **ações colaborativas**, o educador musical apresenta a seus alunos os conteúdos musicais de maneira lúdica, fazendo **relação com o dia a dia**; e **os alunos, em contrapartida**,

podem **se apropriar desses conhecimentos musicais para construir a sua própria individualidade**, por meio da relação dele com a música, com o professor e com os outros alunos (Joly; Severino, 2016, p.26. grifos nossos).

Nem individualista, nem puramente “para os outros”. Há em ambas as linhas de trabalho pedagógico uma visão de integralidade entre o “eu” e o “outro”. Uma superação de tal dualidade ao perceber-se indivisível e conectado ao outro.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as bases conceituais - tanto da educação para a criação de valores, quanto da educação musical humanizadora - e promover uma integração dialógica entre as abordagens. Visou, ainda, contribuir com a discussão de teorias e práticas em educação musical humanizadoras e instigar possibilidades de aplicação do sistema de criação de valores em contextos de educação musical.

Quanto à metodologia, concluímos que a mais adequada seria a bibliográfica, dada a natureza investigativa e filosófica da pesquisa, reconhecendo, ainda, a falta de pesquisas a respeito do sistema de criação de valores aplicado à educação musical. Sendo assim, buscamos a construção de um referencial teórico, leituras e fichamento de textos, reflexão e diálogo entre autoras e autores, bem como escrita crítica resultante destas reflexões.

Referencial Teórico

Tsunesaburo Makiguchi e a Educação Soka

O criador da Educação Soka, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944⁵), teve uma vida com uma série de barreiras. Na infância, passou pelo abandono de pai e mãe. Teve dificuldades para acessar a aprendizagem formal, mas conseguiu se formar como professor. Sofria perseguições por

⁵Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944) nasceu na aldeia de Arahama, atual prefeitura de Niigata, um pequeno porto na costa oeste do Japão. Em 1943 foi preso por se recusar a abandonar o budismo e aceitar a religião imposta pelo estado militar japonês - o xintoísmo. Faleceu em novembro de 1944 por desnutrição, na prisão de Sugamo - Tóquio.

criticar o governo do imperador que visava uma educação padronizada na “orientação para a dominação por meio da guerra” (Ribeiro, 2006, p. 31).

Com 30 anos de atuação como professor e diretor de diferentes escolas, Makiguchi juntou as notas de sala de aula e, no início da década de 1930, com o apoio de seu colega educador e amigo íntimo, Josei Toda, publicou obra *Soka Kyoikugaku Taiki* (Sistema pedagógico de criação de valores). Livro que ganhou tradução para o português com base na edição inglesa, editada por Dayle Bethel⁶.

Esta obra carrega o centro tonal da filosofia educacional makiguchiana partindo de uma crítica aos tempos em que foi escrito, em diálogo com Kant até John Dewey. Na primeira página, o educador sintetiza seu posicionamento filosófico a respeito de um ideal de educação:

A formulação e o esclarecimento do objetivo da educação não podem ficar a cargo do julgamento arbitrário dos teóricos. Ao contrário, esta formulação deve se originar das realidades da vida diária, levando em conta toda a amplitude da vida humana, mas ao mesmo tempo **considerando as necessidades específicas da família, da sociedade e da nação**. (...) o tema central deste livro é que o alcance da felicidade é o objetivo principal da educação, e **todos os planos e programas educacionais devem começar com esta noção básica** (Makiguchi, 1995, p.35. grifos nossos).

A Educação Soka prevê uma abordagem fundamentada na experiência, tomando o estudante e sua vontade de aprender como centro das atividades. O professor deve atuar com a “sensibilidade que lhe possibilite auxiliar o processo de auto-realização sem tentar controlá-lo, estar próximo mas não atrapalhar” (Makiguchi, 1995, p. 124). Makiguchi defendeu a necessidade de dar ferramentas efetivas aos estudantes para se tornarem bons “avaliadores”, capazes de “criar valores”: os valores do “bem, beleza e benefício” - uma adaptação crítica da teoria de valores neokantiana de “verdade, bondade e beleza”.

⁶ Dayle Morgan Bethel foi um antropólogo estadunidense que se especializou na vida e obra de Tsunesaburo Makiguchi. Nasceu em Ohio, em 1923 e faleceu em Honolulu em 2013.

Contrapondo valor e verdade, o educador argumenta que a verdade apenas descreve determinado fenômeno, ao passo que o valor:

adota a forma de um laço emocional que transporta o objeto para dentro da vida humana. Em tudo diferente da verdade, que identifica um objeto por suas qualidades essenciais, o valor surge como a medida da adequação do objeto ao avaliador (Makiguchi, 1995, p. 73).

Portanto, interessa mais à Educação Soka a relação sujeito-objeto e a consciência do sujeito sobre ela do que a própria verdade.

Sobre a tríade bem-beleza-benefício, Makiguchi (1995, p. 94) argumenta que: “bem” pode ser entendido como um valor social que o sujeito atribui a algo ou alguém em relação com os ganhos coletivos: para a sociedade, o mundo ou sua comunidade local. “Benefício” está ligado aos valores voltados para a existência individual do sujeito avaliador, orientados a si mesmo. E a “beleza” pode ser entendida enquanto valores sensoriais ligados a partes isoladas da existência individual. Cabe pensar nesses três tipos de valores como um tripé: os três dão suporte ao sistema e não devem ser competitivos entre si, mas integrados no processo.

Educação musical humanizadora

Em educação, a “humanização” como conceito foi algo muito debatido. Foi, no entanto, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCAr⁷ que um grupo de pesquisadores se perguntou sobre como deveria ser discutido esse mesmo aspecto na especificidade da educação musical.

O conceito de “humanização”, nesta linha de trabalho, está apoiado na visão de “inconclusão inata” do ser humano, defendida por Paulo Freire. Para ele, a humanização deve ser entendida como uma vocação humana - algo que está relacionado a uma tendência inata mas que, nem por isso, se concretiza sempre:

7 Universidade Federal de São Carlos (SP)

Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (Freire, 2021, p.40).

Portanto, por mais que seja uma constatação histórica - a da opressão - ela não é um destino dado, uma vocação histórica; é, no entanto, “resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos” (idem, p. 41).

Nesse sentido, trazendo luz à questão da educação musical, Joly e Severino⁸ apontam para elementos fundamentais de uma abordagem educacional humanizadora:

Em síntese, tendo em vista processos históricos de desumanização que tanto marcaram a América Latina, nos pautamos na humanização entendendo-a como a vocação de homens e mulheres que enquanto humanos dialogam, refletem, decidem, pronunciam, respeitam, criticam, produzem, amam. Nesse sentido, **entendemos que uma educação que promova o diálogo, a reflexão, a tomada de decisões, o falar, o ouvir, o respeitar, o criticar, o criar, traz em seu bojo processos humanizadores** (Joly; Severino. 2016, p. 4, grifos nossos).

Segundo esta corrente de ensino, é preciso “des-coisificar” os sujeitos. Ou seja, dar a oportunidade aos educandos, educadores e todos os indivíduos componentes do ecossistema de aprendizagem, de conscientizarem-se de sua subjetividade em relação ao conteúdo e à experiência do aprender.

Isso significa trazer aos educandos curiosidade pelas músicas, fontes sonoras, pelos instrumentos musicais, pelas pessoas e pelo mundo que constroem e que por ele são construídas, conscientizando-se de si e de seu lugar no mundo. Tamanha é a responsabilidade para quem se propõe uma postura pedagógica dessas:

⁸ Ilza Zenker Leme Joly e Natália Burigo Severino são as organizadoras do livro *Processos educativos e práticas sociais em música*, de 2016, que reúne uma série de artigos com diferentes perspectivas e áreas de aplicação da educação musical humanizadora, fomentado pelo grupo de pesquisa citado.

Para que o educando possa desenvolver suas potencialidades e adquirir autonomia como sujeito crítico e que atua no mundo, nós, educadores musicais devemos promover a aquisição de competências e habilidades musicais intrínsecas a ele através de uma relação dialógica pautada na troca de saberes e aprendizados e no respeito entre educador e educando. Caso contrário, estaremos ensinando música sem uma preocupação humanizadora, com ausência de sensibilidade e realidade (*idem* p. 6).

Dessa forma, todos possuem capacidade intrínseca de adquirir competências e habilidades musicais, não importando quem seja. Há uma busca pela autonomia dos educandos diante do mundo dentro e fora da sala de aula. Constante diálogo e trocas de maneira horizontal. Todos ensinam e todos aprendem. Mas aprendem o quê? Com base em quê? Sobretudo na educação musical, do que é que estamos tratando?

ao falarmos de uma educação musical humanizadora estamos nos referindo ao princípio fundamental da **valorização das diferentes músicas nas diferentes culturas**, e na **construção humana de se fazer música em conjunto, considerando as individualidades entrelaçadas nas potencialidades e limites de um coletivo** (Joly; Severino. 2016, p. 24. grifos nossos).

Conforme esta afirmação, e através de nossa investigação acerca das bases conceituais da educação musical humanizadora⁹, elencamos quatro conceitos essenciais para promover o diálogo entre as abordagens pedagógicas: humanização, multiculturalismo, criação e convivência.

Certamente existem mais conceitos pertinentes para o que se propõe humanizador em educação musical. Contudo, em função dos limites que uma pesquisa de TCC possui, e do que viemos a entender como basilar nas propostas em questão, focamos nesses quatro conceitos.

⁹ Dentre pesquisadores e pesquisadoras que pesquisam o tema e foram consultados para esta pesquisa cabe citar: Natália Búrigo Severino, Ilza Zenker Leme Joly, Eduardo Fiorussi, Melina Fernandes Sanchez, Pedro Augusto Dutra de Oliveira, Mariana Galon e Mariana Barbosa Ament.

Educação musical humanizadora Soka

Humanização

Em oposição à visão de música enquanto algo acessível apenas para poucos, para uma elite, Joly e Severino defendem a educação musical como direito de todas as pessoas, e a música como elemento próprio do cotidiano desde a infância:

Falamos de uma educação musical que promove processos humanizadores, que agrega pessoas, que acolhe aqueles que têm desejo de fazer música. (...) que está presente no processo de desenvolvimento de pessoas, construindo e ativando memórias afetivas e culturais, criando identidades, **permitindo que as pessoas, através da música, possam compreender o mundo e fazer parte dele** (Joly; Severino, 2016, p.20, grifos nossos).

Dessa forma, como elementos fundantes da humanização estão a identidade, a noção da própria inconclusão do ser e a conscientização do sujeito sobre seu mundo.

O livro *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*, de Teca Alencar de Brito, conta com um prefácio escrito pelo educador e pesquisador Carlos Kater. O autor comenta, trazendo algumas frases de Koellreutter, a perspectiva do alemão radicado no Brasil sobre música:

Música “que revela o eternamente novo”, “expressão do tempo, de um novo estado de inteligência”, “expressão real da época e da sociedade”; arte que não estimule “tendências egocêntricas e individualistas que separam os homens, originando forças disruptivas”; **que abandone “como ideal a preocupação exclusiva de beleza”; enfim, música que tenha função socializadora, unindo os homens, “humanizando-os e universalizando-os”** (Kater *apud* Brito, 2001, p. 14. grifos nossos).

Se, por um lado, a música e, conseqüentemente, a educação musical defendida por Koellreutter visa superar “tendências egocêntricas e individualistas”, e necessariamente trazer processo socializadores, por outro lado, a Educação Soka defende a capacitação do estudante para

criar laços significativos com a sua comunidade local, sem perder de vista seus ganhos e prazeres de ordem mais individual. Conforme trazido anteriormente, o objetivo último da Educação Soka é fortalecer o senso avaliativo do educando, buscando promover uma atividade mais conectada à sua subjetividade, sem desconectá-la da experiência de vida coletiva e material.

Multiculturalismo

E quanto ao conteúdo musical que se deve trabalhar em sala de aula? O repertório? A educação musical humanizadora traz o conceito de “multiculturalismo” como um importante ponto nesse sentido. Maura Penna nos traz uma perspectiva significativa:

a postura multiculturalista deve abarcar a diversidade de produções artísticas e musicais, vinculadas a diferentes grupos sociais que produzem ou adotam determinadas poéticas musicais como suas, sejam esses grupos marcados por particularidades de classe, de região ou de geração, por exemplo. Como consequência dessa postura, as referências para as práticas pedagógicas em educação musical não podem se restringir à música erudita, que se enraíza na cultura europeia. Torna-se indispensável abarcar a diversidade de manifestações musicais, incluindo as populares e as da mídia (Penna, 2005, p.11).

A autora defende, inclusive, a superação da dualidade “erudito-popular” no campo da educação musical a partir de uma visão mais ampla de música que busque apreender todas as manifestações musicais como significativas. Neste artigo, Penna apresenta a ferramenta do diálogo como essencial na construção deste espaço multicultural, argumentando que sem isso, ainda que seja adotada a “vontade da maioria”, há a perda de uma rica possibilidade de trocas de experiências com grupos minoritários. É por meio do diálogo que se pode promover a “ampliação do universo cultural dos alunos” (*idem* p. 12).

De forma similar, em se tratando de “valorizar diferentes culturas” e “considerar as individualidades entrelaçadas nas potencialidades e limites de um coletivo”, Makiguchi defende a compreensão de que o indivíduo e

seu ambiente são inseparáveis. A felicidade defendida pelo pedagogo só pode ser alcançada na medida em que há um esforço pelo bem coletivo. Isso foi bem observado pela antropóloga Rita Ribeiro Voss:

Na obra de Makiguti emerge a necessidade de formar um sujeito engajado no mundo, que se reconhece na luta incessante para manter a tríade indivíduo-sociedade-espécie de Morin, como condição própria. Nessa perspectiva, a ciência assume uma característica mais humana (...) no processo de ocidentalização do mundo, ciência, Estado e educação distanciam-se do cotidiano e da experiência humana, de onde nasce e para onde se dirige o produto do conhecimento. Os princípios budistas que Makiguti estudou desvelam a relação entre sujeito-objeto do conhecimento em um sistema no qual **o homem volta-se para si a fim de compreender a sua relação com o mundo** (Voss, 2013, p.129, grifos nossos).

A experiência do educando e do educador está sempre atravessada pelo seu ambiente familiar, de sua moradia, vizinhança, cidade etc.; está, também, permeada da cultura de sua escola e de cada sujeito que a frequenta; está conectada à toda a turma e, nesse emaranhado de experiências culturais, é, enquanto indivíduo, uma expressão do mundo todo que o perpassa sem perder de vista o aspecto “multi” e “inter” cultural nestas trocas.

Criação

Se, para a educação musical humanizadora, a criação é algo central, na Educação Soka ela também aparece como elemento crucial. Para Makiguchi, a criação é a própria manifestação da vida e da humanidade do sujeito, pois um ser humano não pode criar matéria.; pode, contudo, criar valores:

Quando falamos de criação, referimo-nos ao processo de apresentação do que quer que tenha significado para a vida humana entre elementos existentes na natureza, avaliando-se essas descobertas e, com o acréscimo do trabalho humano, aumentando a sua importância. Em outras palavras, a criação transforma a “ordem encontrada” da natureza em uma ordem com benefícios específicos para a humanidade. Assim, o ato de *criação* só se aplica ao valor, e

não à verdade, pois esta pára no momento da descoberta (Makiguchi, 1995, p. 75).

Baseada nisso, reflito: qual a importância de se ter conhecimento sobre o que é uma escala de sol maior? De saber executá-la em um instrumento? A importância não está dada. É necessário que se crie valor sobre esta escala, que se conecte a ela uma subjetividade que só pode ser criada pelo sujeito. Por mais claro que seja para a educadora que o desenvolvimento do mecanismo muscular para se executar esta escala prepare o educando para algo além, se não o for para o educando, o processo tende à desumanização. Porque ignora a subjetividade, a autenticidade e a humanidade do educando.

Em crítica a tendências tecnicistas da educação musical, a educação musical humanizadora se apoia na argentina Violeta Hemsy de Gainza¹⁰, conhecida por sua defesa das pedagogias musicais abertas. Glauber Resende Domingues, em artigo publicado na revista Orfeu, discute a obra da educadora apontando que uma pedagogia aberta é “sinônimo de tudo aquilo que é criativo, livre, experimental, como contraposto àquilo que é fixo, fechado, controlado, burocrático e pseudocientífico” (Domingues, 2021, p. 55). Chama ainda a atenção para uma das características desta abordagem, segundo Gainza:

A prática musical criativa, a experimentação, a descoberta pessoal e em grupo são as condições naturais de liberdade para crescer e se desenvolver. **A criatividade é o ponto de partida e a meta**, tanto em relação ao aluno quanto ao professor, com o processo e com as formas de ação pedagógica (Gainza *apud* Domingues 2002, p. 14, grifos nossos, tradução das autoras¹¹).

¹⁰ Autora de mais de 40 títulos que abarcam a pedagogia musical em geral, a didática do piano, do violão e de conjuntos vocais infantis e juvenis, a improvisação musical, a musicoterapia entre outros temas. Foi presidente do Fórum Latino Americano de Educação Musical (FLADEM) de 1995 a 2005. “Pionera de la pedagogía moderna, su enfoque abierto, estimulador de la creatividad y cuidadoso de los procesos individuales, ha marcado en las últimas décadas a varias generaciones de músicos y educadores eruditos y populares” (fonte: <https://www.fladem.org/about-5-1> . Acesso em 11/07/2025).

¹¹ Original: “La práctica musical creativa, la experimentación, el descubrimiento personal y grupal constituyen las condiciones naturales de la libertad para crecer y desarrollarse. La creatividad es punto de partida y meta, tanto en relación con el educando como con el maestro, con el proceso y las formas de la acción pedagógica”.

Me parece importante, portanto, que uma “educação musical humanizadora Soka” almeje dar ferramentas ao educando para criar música nova, de acordo com a bagagem que possui, consciente dos valores bem-beleza-benefício, trazendo genuíno interesse e curiosidade pelas sonoridades que compõem aquela escala em questão, por exemplo.

Convivência

No grupo - seja de um educador e um educando ou mais pessoas - a convivência surge necessariamente como uma prerrogativa. O pesquisador Pedro Dutra reflete sobre convivência sob a ótica da educação musical humanizadora:

A inserção em práticas musicais em que há o protagonismo de todos os sujeitos envolvidos, em ações dialógicas e criativas, nos possibilita reflexões que podem nos ajudar a quebrar posturas bancárias que muitas vezes são inerentes a espaços de educação musical, inclusive em projetos sociais (Dutra, 2024, p. 11).

A convivência é também essencial para a prática de Educação Soka. Argumento isso me pautando no pilar *bem*, dos três pilares - bem, beleza e benefício. Há de se pensar e considerar o bem estar coletivo - de meus colegas de classe, professores, servidores escolares, vizinhos, população da minha cidade, país etc. - e os ganhos que eles recebem (ou não) com minhas ações, e há que se fazer isso com base na convivência. Sobre isso, Makiguchi defende:

Se a **educação tem o dever de transformar o indivíduo que encara a vida como uma luta para se sobrepor aos outros em uma pessoa que valoriza e aprecia as recompensas da vida cooperativa**, ela precisa elevar a consciência social, ajudando o estudante a se conhecer através da comparação com outros. A escola é o ambiente ideal para esses exercícios orientados à vida social (Makiguchi, 1995, p. 61, grifos nossos).

Salientando também a cooperação, em texto decorrente da dissertação de mestrado da pesquisadora Mariana Galon, as autoras

descrevem um processo de educação musical pautada na criação coletiva com um projeto sociocultural que atende a crianças de 6 a 13 anos. Percebendo dinâmicas de convivência carregadas de competitividade, desrespeito e vaidade, a educadora promoveu experiências de educação musical centradas na convivência e criação musical.

As transformações observadas nos conduzem a olhar as atividades de criação musical coletiva como um meio de possibilitar processos educativos humanizadores aos alunos, quando oferecidas em um **ambiente dialógico, que priorize o convívio, que respeite o tempo da criatividade dos alunos e favoreça o pensamento crítico** (Galon; Joly, 2016, p. 89, grifos nossos).

Ainda sobre esta relação de convivência e construção coletiva do conhecimento, Carlos Kater aponta para o potencial de construção de novas percepções necessárias à educação musical na escola:

Ao promover a diversificação de experiências musicais, a criação de músicas originais e suas apresentações, daremos então condições para a construção de novos olhares e ouvidos, tanto por parte da comunidade escolar e seu entorno, quanto dos próprios alunos; novas percepções inclusivas, que possibilitarão recriar, com valor positivo, as leituras atualmente vigentes nas relações entre “eu & outro”, “aluno & professor”, “criação & educação”, “exclusão & participação” (Kater, 2012, p. 45).

Neste tom de recapitulação pautada em Kater, na qual se faz presente mais uma vez a relevância da criação, da relação educando-educador-comunidade escolar e da convivência, com o objetivo de fomentar o aspecto humano e humanizador da educação, nos encaminhamos para as considerações finais desta pesquisa.

Considerações finais

Pelo caráter filosófico e bibliográfico desta pesquisa, algumas questões permanecem no campo das ideias de tal forma que não seja possível apenas com ela atestar, metodologicamente, a efetividade de uma abordagem Soka aplicada à educação musical, como pontuado

anteriormente. Também, de forma alguma foi possível esgotar o que chamamos de “bases conceituais” de ambas as visões pedagógicas discutidas no trabalho, nem mesmo as conexões entre elas.

No entanto, acreditamos que a pesquisa tenha contribuído para fortalecer o debate em torno de abordagens em educação musical que efetivamente pensem o educando, educador, servidor - e toda comunidade escolar e extra-escolar - como seres humanos dignos de absoluto respeito, reconhecendo suas individualidades, sem perder de vista a conexão com o todo. Abordagens que visem libertar e empoderar com ferramentas críticas o educando diante de seu processo educacional e que o estimulem a fazer a *sua* música: uma música nova e insubstituível. Processos esses que consideramos caros ao século XXI.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo; Peirópolis, 2001.

DOMINGUES, Glauber Resende. *A criação musical na perspectiva das pedagogias musicais abertas*. Orfeu, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 48-77, 2021. DOI: 10.5965/2525530406022021048. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/20039>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DUTRA, Pedro. Por uma educação musical humanizadora: uma experiência a várias mãos. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 2, e32201, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 77 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALON, Mariana; JOLY, Ilza Zenker Leme. *A convivência nas atividades de criação musical coletiva: colaboração e partilha geram transformações*. In.: JOLY, Ilza Zenker e SEVERINO, Natália Búrigo org. *Processos educativos e práticas sociais em música: um olhar para educação humanizadora*. Pesquisas em educação musical. Curitiba: Editora CRV, 2016.

GALON, Mariana; AMENT, Mariana Barbosa; DUTRA, Pedro; SEVERINO, Natália Búrigo; JOLY, Ilza Zenker Leme. *Por uma Educação Musical Humanizadora*. XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Natal, 2013.

IKEDA, Daisaku. *Educação Soka: por uma revolução na educação embasada na dignidade da vida*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2017.

JOLY, Ilza Zenker Leme e SEVERINO, Natália Búrigo org. *Processos educativos e práticas sociais em música: um olhar para educação humanizadora*. Pesquisas em educação musical. Curitiba: Editora CRV, 2016.

KATER, Carlos. In.: BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo. Peirópolis. 2001. p.13-16.

KATER, Carlos. "Porque música na escola?": algumas reflexões. In.: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (Coord.). *A música na escola*. São Paulo, Alluci & Associados Comunicações, 2012

MAKIGUTI, Tsunesaburo. *Educação para uma vida criativa: ideias e propostas de Tsunesaburo Makiguti*; tradução de Eliane Carpenters. 3ª Ed. - Rio de Janeiro: Record, 1995.

RIBEIRO, Rita de Cássia. *Vida, Experiência, Conhecimento: a reforma do sujeito em Tsunessaburo Makiguchi*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.

VOSS, Rita Ribeiro. *A Pedagogia da Felicidade de Makiguti*, São Paulo, Papyrus, 2013.